

Especialista britânico propõe calote à AL e Leste Europeu

19 ABR 1990
REAL JÚNIOR

19 ABR 1990

PARIS — Os países endividados da América Latina e do Leste Europeu devem suspender o pagamento de juros e do principal de suas dívidas externas, até que obtenham garantias da retomada de seu crescimento econômico. Esse conselho — aliás seguido pelo governo brasileiro que não paga juros aos bancos comerciais e instituições financeiras como o Clube de Paris desde junho — é do britânico David Knox, vice-presidente do Banco Mundial (Bird) até o final de 1987, quando era o maior responsável pela política latino-americana da instituição.

A seu ver, só assumindo, sem hesitações, iniciativas unilaterais, esses países poderão sair da crise em que se encontram. Desde que se afastou do Bird, David Knox, hoje aposentado, dedicou-se a um profundo estudo sobre a dívida da América Latina, encomendado pelo Oxford International Institute.

Knox não quer dizer que os países endividados devem relaxar seu esforço atual de ajustamento econômico financeiro interno, mas só esse imenso esforço não será suficiente para superar a crise. Por isso Knox defende, abertamente, para esses países uma situação de Défaul de pagamento, como a do Brasil atualmente, não só em relação aos credores públicos e privados, mas também aos créditos controlados por instituições financeiras internacionais e governamentais. David Knox está convencido de que essa é a única forma de impor as concessões necessárias a uma verdadeira retomada econômica.

Ao mesmo tempo que David Knox faz a recomendação aos países devedores da América

Latina, os bancos comerciais se mostram prudentes na ofensiva dos governos europeus diante das novas democracias do Leste. Por enquanto são os governos e grupos empresariais os principais responsáveis pela prioridade ao Leste — os banqueiros estão mais eqüidistantes. Eles temem a repetição do que ocorreu na época áurea dos créditos fáceis e maciços à América Latina.

Nessa primeira fase os bancos estão deixando a ação para os governos ocidentais e instituições internacionais, bem como para empresas privadas que consideram interessante investir nesses países. Mesmo com diferenças fundamentais entre a Europa do Leste e a América Latina, a começar pelo nível de vida, muito superior ao Leste, os bancos afirmam ter boas razões para essa prudência, não repetindo com o Leste o que fizeram, no passado, principalmente no tratamento dado ao México e ao Brasil, durante a década de 70, em nome das inesgotáveis possibilidades de crescimento desses dois países.

A cotação de créditos de países como Polônia e Hungria está em baixa, em razão da degradação da situação econômica e das incertezas em relação às reformas em curso.

De acordo com estudo do Instituto de Finanças Internacionais, apoios financeiros externos devem vir, inicialmente, dos governos ocidentais, com ajuda bilateral, multilateral e créditos de exportação, além de créditos do FMI, Banco Mundial e Banco Europeu de Reconstrução e Desenvolvimento (Berd), recentemente criado para ajudar os países do Leste.